

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO I

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 7

São Paulo, Abril de 1956

Caixa Postal, 8503

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Redactor-Chefe — Arlindo BAPTISTA PEREIRA

A Superstição Constitucional

1. Encalhados em néscio feiticismo jurídico, marginais ridículos presos às fórmulas caducas com que se envenenou o Ocidente desde aquêles tristes dias em que os palhaços do liberalismo e do estado romântico inventaram, contra a opulenta vida política orgânica dos povos, a ditadura, a tirania de um livro condensado de utopias — a CONSTITUIÇÃO — contra a Fé, contra a Tradição, contra a História, contra as liberdades reais dos povos, em nome da Liberdade, Igualdade e Fraternidade das seitas secretas internacionais e anti-nacionais — os nossos políticos ignorantes vivem repetindo continuamente asneiras cujas conseqüências calamitosas estão fartissimamente provadas, comprovadas e contraprovadas.

2. Constituí para eles um deus a constituição escrita, com os seus infinitos títulos, capítulos, parágrafos e alíneas. Deusinho intangível, intocável, melindroso, até que um dia eles mesmos, cansados do culto insensato, o derrubam sob o arruído das armas em nome da salvação da Pátria em que mal pensam... e já ansiosos de levantar outro deusinho estúpido, por terem os mitômanos inventado um pecado tremendo dito "anormalidade constitucional". E também é "anormalidade" o não ser democrática, liberal, eivada da gozada "soberania do povo" a tal constituição, a qual, reza a superstição idiota, há-de ser encomendada a uma constituinte eleita pelo sufrágio universal (coisa realmente impossível e indesejável) que confere a todos os indivíduos votantes uma sabedoria incomensuravelmente superior ao estudo aturado em doudas academias. Da montanha maravilhosa dessa constituinte, graças à sapiência infundida pelos papeluchos cuja ausência gera multa e cadeia, parteja-se o mostrengo transformado em deus provisório. Amiúdo, por artes cabalísticas, intervém na gestação do monstro o carbono das constituições estrangeiras.

3. Bem dizia o feroz Agostinho de Macedo, defendendo o velho direito, desprezado pelos teóricos e lunáticos: "A Constituição social não está nos livros, nem em pergaminhos, nem em papéis, é obra de outro dedo, existe na essência do homem em primeiro lugar, e em segundo lugar, (isto é difícil de conceber) existe na existência moral da sociedade civil... Vejamos por esta Constituição que é indestrutível na essência da nossa Sociedade Civil o que é, foi, e será o nosso Rei, e quais suas índitas atribuições. Os nossos Reis têm o poder Legislativo; dêles imediatamente emana, e se deriva tôda e qualquer jurisdição. Tiveram sempre o poder de fazer Justiça, e de a mandar fazer por seus Ministros. Tiveram sempre o direito de perdoar, de conceder privilégios, e recompensas, de dispor dos Offícios, de conferir Nobreza, de convocar, e dissolver as Côrtes da Nação, conforme seu poder, prudência, e sabedoria lhes dissessem que não mister, de fazer a paz, e a guerra, de formar, e de reformar os Exércitos. Os nossos Reis como Legisladores supremos, ainda no meio das Côrtes, que êles convocam, e despedem, falaram sempre afirmativamente, quando publicaram as Leis que temos escritas" (Refutação metódica das chamadas Bases da constituição política da Monarquia Portuguesa, Lisboa, 1824).

4. Como não querem os sabidos modernos aprender com a experiência do passado, com a Tradição, com a história (nem mesmo com a história ainda próxima destes últimos 60

anos que estão cheios de desenganos), nada mais sabem que repetir asneiras fartamente castigadas anteriormente. A isso vamos indo de novo.

5. De 1500 a 1822 vivemos sem constituição e (cada vez mais o descobre a revisão histórica) melhor do que hoje.

Já antes de nós, os nossos Antepassados portugueses haviam vivido com as suas Leis costumeiras, com os seus foros, com os seus forais que nos trouxeram liberdades reais e operantes (p. ex. o velho Município), sem nos cacarejarem constituições.

6. Os próprios Estados Unidos (os verdadeiros) com quem os políticos republicanos brasileiros aprendem a nos fazerem estrangeiros em nossa Terra até mudando o nome dela em uns "estados unidos" que não somos, até êles já tinham as suas liberdades e dessas fizeram por modo lógico (ao contrário de nós ou, antes, dos nossos republicanos que os copiaram) a sua constituição (dêles), pois a Inglaterra também a não tinha.

7. Urge acabar com essa palhaçada. Enquanto saracoteia a farândula diversória do bizantinismo constitucional, mel

Brasileiro, Alerta!

Não adianta dizer que o Brasil está perdido; que os políticos são néscios, imorais e ladrões; que a multidão de erros políticos, económicos, financeiros, diplomáticos, administrativos destrói a nossa substância, nos empobrece, nos esgota, nos mata; que a máquina governamental nos saqueia; que a inflação vai destruindo o Brasil; que o custo da vida está pela hora da morte; que há muita falta de justiça; que a impunidade campeia triunfadora. Tudo isso é verdade. Mas não basta falar. Importa reagir. O estado republicano é e foi sempre isso mesmo. **IMPORTA REAGIR.** Dos homens inteligentes, honrados, corajosos, servidos por uma Doutrina Política NACIONAL, depende a mudança dessa situação.

Essa **DOCTRINA** é o **PATRIANOVISMO** que com a Monarquia Orgânica derribará o regime eleitoral, origem da desordem, desorganização, saque, pobreza, miséria e ruína do Brasil.

Aliste-se nas fileiras patrianovistas, ingresse nos grupos de propaganda imperial. Colabore por todos os meios (oração, trabalho, sacrifícios) para restabelecer a consciência monárquica brasileira e, com ela, a nossa Identidade, Originalidade e Personalidade nas Américas e no mundo.

E o Brasil voltará a ser uma **GRANDE POTÊNCIA** em todos os sentidos. E o Povo Brasileiro será livre, poderoso, rico e feliz.

VIVA A MONARQUIA! VIVA DOM PEDRO III!

se cuida dos problemas do povo, do nosso pobre povo martirizado por uma tirania que faz pena não seja de uma vez sangrenta, porque nesse caso, acuado, caçado pelos seus tiranos, êle seria obrigado a se defender de qualquer forma.

8. Qual a finalidade do Governo?

Consiste porventura em andar, de cada 4, 5 ou 10 anos, à busca de fórmulas teóricas, utópicas, estrangeiras, fantasmagóricas e imbecis de conveniência social e política? Hoje, presidencialismo; amanhã, parlamentarismo; depois de amanhã, regimen colegiado; ora, fascismo; ora, bolchevismo. E' por acaso essa a finalidade do Governo? E' para isso que pagamos a máquina burocrática talvez mais cara do mundo?

9. Afirmara Getúlio Vargas que com essa constituição, com esse livro de 1946, com essa ferramenta, não se pode governar. Repetiu-o o sr. Café Filho na breve experiência de governação. Sente o mesmo o sr. Juscelino Kubitschek.

10. Que nos interessam êsses debates? O que nós queremos é governo que governe. Que nos interessam novas fórmulas de ser república, se é ela mesma o nosso mal, se todos os verdadeiros estudiosos já sabem que ela está há muito falida, não nos deu nada, nos tirou e tira tudo, sobre ser dissolvente, anti-nacional, separatista, desorganizadora, empobrecedora, desordeira, ladra ("O Brasileiro é o povo mais roubado do mundo", diz o grande mestre jurista e constitucionalista, Pontes de Miranda)?

11. Interessa-nos que o Governo cuide do bem comum do Povo Brasileiro. E não está cuidando. Nada vemos de sério, de orgânico, de eficaz para melhorar a vida das populações pobres, as aperturas da classe média, para diminuir o custo da vida, para impedir que sejamos tão roubados por nacionais e estrangeiros de dentro ou de fora do País, para salvar as nossas gerações infantis, para recuperação dos marginais, que o não podem fazer por si mesmos.

12. Sem sairmos da Capital de S. Paulo, tida com razão como um dos melhores centros de vida civilizada do Brasil, ofertam-se-nos aos olhos dolorosas tragédias, espectáculos de pobreza e de miséria material e moral, demonstrativos de que há déficit no que é função específica do Governo nacional. Sobre os lucros extraordinários, que não passam de roubos ordinários que se permitem e oprimem a todos os governados, colhem-se taxas de usura que, contra toda justiça, não revertem a favor dos oprimidos, a favor da Nação ludibriada.

13. Todos os dias, aliás, nos apresentam os jornais a paisagem negra do descaminho da vida do povo sacrificado multiformemente, no abandono em que jazem os pontos essenciais da garantia do bem público. Tão corriqueiros se tornaram os factos, que budisticamente não ligamos mais para tais acontecimentos. Em conjunturas de calamidade pública (e é o nosso caso) os problemas do povo têm precedência, tem prioridade sobre tudo mais que se torna suntuário e inoportuno. **RESOLVAMO-LOS!**

14. Se, porém, não cuidarmos seriamente de resolvê-los, breve êles se atirarão sobre nós como foras vingadoras. Bastará que algum filho de Átila saiba aproveitar-se da situação de desespero, de desgraça, péssimos conselheiros. Cuidado com a irrupção dos marginais humildes! Podem tornar-se os ferocíssimos agentes da vingança divina contra os Cains soberbos que escarram esta desculpa: "Sou eu porventura o guarda de meu irmão?"

15. Senhores donos da república! Continuai discutindo as patranhas das vossas constituições quiméricas. Sois cegos, surdos e criminosos! Só mudos não sois, porque falais domais e nada fazeis.

Aproximam-se os cavaleiros de Átila! Quem deve a Deus pagar ao diabo. E bem caro havereis de pagar.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

LEIA

Filosofia Política de Sto. Tomás de Aquino de A. VEIGA DOS SANTOS

Pedidos à Caixa Postal 8503 — Preço: Cr\$ 230,00

COMO SE FORMA UM BOM GOVERNO

João Café Filho já disse que, com esta Constituição (roupagem do regime), não se pode governar o país... Realmente, não se pode mesmo. Kubitschek foi empossado, levando para o poder as melhores intenções do mundo, para bem governar. Nós o cremos, baseados em que, pelo menos por um sentimento egoísta de passar à história com o nome aureolado pela glória de haver feito alguma coisa por este pobre País, êle, assim, realmente, o desejasse, mas — « aqui, entra o fatídico mas — os seus adversários e mesmo os seus "amigos" dos partidos que o apoiaram nas eleições, não estão muito de acôrdo com isso. Senão vejamos:

Como deveria se realizar a formação do novo governo, para que o Sr. Kubitschek pudesse realizar os seus sonhos de bem governar a nação? Deveria escolher, para seus ministros e auxiliares, homens que se situassem entre os cidadãos mais prestantes do País; e, entre êles, os mais capazes de executar o plano de governo que arquitetou. Seriam técnicos, completamente apartados de qualquer injunção de interesses particularistas de partidos, que observariam, na execução do plano governamental, apenas os superiores interesses da Nação. Mas, o Sr. Kubitschek não pôde fazer isso, como, aliás, nenhum outro presidente pôde fazer desde 1889 e não poderá fazê-lo nenhum outro, para o futuro, pela simples razão de que o regime não o permite. O em que se pensa, na hora da formação do governo, é em satisfazer os appetites dos politicóides nacionais que apoiaram o ex-candidato, nas eleições. E, aí do presidente que assim não o fizer! Será lançado na rua da amargura; ficará impedido de mover sequer uma palha. Já disse, em outro artigo, que se faz, nesta ocasião, uma divisão desavergonhada e criminosa dos cargos públicos. Os de maior expressão, como os de ministros e presidentes de estabelecimentos de crédito federal, são distribuídos entre os figurões dos partidos dominantes. Os menos expressivos, como os de presidentes de institutos e de autarquias, presenteados aos descontentes da primeira distribuição, aquêles cidadãos que já se consideravam ministros, mas que não o foram porque os "santos" dos outros foram mais fortes. Um autêntico Dia dos Chacais; feita distribuição de presentes; feita distribuição de "comidas".

* * *

Quem não acreditar no que dizemos, que leia os jornais de 31 de janeiro. Lá está: "Hoje o Sr. Kubitschek deu por encerrados os **atendimentos** para a organização do ministério. Tratará agora de escolher os titulares dos demais cargos públicos. **Entrarão êles também nas NEGOCIAÇÕES.** Os Estados (7) que não foram beneficiados com ministérios, terão direito a departamentos e autarquias". E, quanto às qualidades dos escolhidos, esta beleza: "Quando a natureza do cargo exigir a presença de um técnico, será este o escolhido. Entretanto, quando houver possibilidade de indicação de um político, assim será feito (preferiu-se, como se vê o político ao técnico...). Evidentemente ao técnico será exigida a vinculação política, (será, portanto, um político e não um técnico) pois as **COMPENSAÇÕES** serão estendidas aos demais cargos da administração pública". (Correio Paulistano — Surpresas no Ministério — Do observador político, Rio — 31-1-56) (Os grifos são nossos). E' a prova provada de que acabamos de dizer. E' uma verdadeira pouca vergonha. Onde ficaram os interesses da Nação? Foram atendidos, apenas, os rasteiros e negativos interesses das panelinhas partidárias, de cambulhada com tôlos interesses regionais.

Poderá governar — no bom sentido, já se vê — com a atual formação do

A VIRGEM SANTÍSSIMA E A A. I. P. B.

Quando da visita da Virgem Peregrina de Fátima a esta Imperial S. Paulo de Piratininga, o Chefe Geral, o Supremo Conselho Imperial Patrianovista e outros correligionários fizeram a consagração de PÁTRIA-NOVA ao Sagrado Coração de Maria, na igreja da Imaculada Conceição dos Capuchinhos.

Aos 15 de agosto de 1954, em excursão à tradicional e Fidelíssima Cidade de Itu, onde em 1873 os estrangeiros interiores fizeram uma convenção republicana, visitaram os Patrianovistas a Igreja Matris e fizeram em comum a seguinte oração a N. S. da Candelária, padroeira do Município: — "Santíssima Virgem. Depois de nos havermos consagrado solenemente ao vosso Sacratíssimo Coração perante a Virgem Peregrina de Fátima, vimos hoje nós Patrianovistas rogar-Vos que Vos digneis conseguir de vosso Divino Filho a redenção do Brasil de todos os males presentes advindos do abandono das leis de Deus e da Igreja bem como do desprezo das tradições dos nossos Antepassados, cruzados da Fé e do Império. Assim seja".

AS DUAS REPÚBLICAS

(Conclusão do número anterior)

Retornando à terra natal, Barretos, trazendo na lembrança a última lição extra-programa de democracia-liberal republicana, eu vi na minha terra algo de sociologia-liberal aplicada: a República do Loureiro.

Loureiro o secretário da Prefeitura, mansinho, a poucos metros do Paço Municipal, num velho casarão que recebera da "ditadura" de um antigo chefe, a chamada "República da Alegria".

Naturalmente, a "República da Alegria" (pensava eu para comigo mesmo), era uma "unidade federada" a muitas outras existentes noutras cidades; mas não era não. A "República da Alegria", além de ser sui-generis, era circunscrita apenas ao seu pequeno território jurisdicionado — o casarão vetusto.

O seu presidente, Loureiro, apesar das tintas de legalidade e legitimidade de seu mandato, era vitalício e nomeado pela oligarquia de seus concidadãos. Era, pois, um usurpador perpétuo.

* * *

A "República da Alegria", se bem que não fôsse uma sátira intencional ao regime em que vivíamos, era, entretanto, uma autêntica república romana do tempo de Patrônio. Os festins de Baltazar eram periódicos e revestidos de todos requintes de deboche, e então era vedada a entrada a menores e famílias.

governo, o Sr. Kubitschek? Certamente que não. Além dos descertos administrativos, que certamente fará este governo heterogêneo, terá o presidente que agüentar os desatinos demagógicos de um Congresso mal formado, abaixo, mesmo, de mediocre que, ao invés de trabalhar pela nação, faz política da mais baixa espécie. Precisamos combater a inflação, através da consecução do equilíbrio orçamentário. Que faz o Congresso? Inflaciona mais ainda o País, votando um absurdo reajustamento do funcionalismo que custará à nação a bagatela de 12 bilhões de cruzeiros, ou seja, exatamente, 1 bilhão de cruzeiros por mês. Quando se pensa que este mesmo funcionalismo já custa à Nação mais, mas muito mais de 50% (Cincoenta por cento) de sua renda, ficamos horrorizados com o que acontecerá com esta sobrecarga do reajustamento. Isto é um crime inqualificável, cometido por uma enxurrada de semvergonhas que o povo elegeu para falar em seu nome, pagando-lhes fartos ordenados — supremo escárnio — para não lhes defender os interesses. Jogam fora o dinheiro do povo, que custa a este mesmo povo sangue, suor e lágrimas, para agradar a um exército de funcionários públicos que nãles votarã, nas próximas (?) eleições. E o governo, recentemente mal formado, terá de pagar esta farra perdulária, botando as máquinas do Tesouro a funcionar para a emissão de papel moeda, que virã aumentar o já altíssimo custo de vida.

Como poderá pôr em prática, portanto o Sr. Kubitschek, o seu plano de governo, com esta cambada atrapalhando, no Congresso? Como poderá, o Sr. Kubitschek governar, com um governo formado por elementos políticos saídos desse mesmo Congresso, que vota tais monstruosidades?

Pobre Brasil, com tais governos e com tais Congressos! Pobre do Brasil, com tais instituições políticas! Melhor fôra que tivéssemos ficado com aquele Império liberal de Pedro II, apesar dos seus graves defeitos liberais. É inútil pensar-se em melhoria, enquanto continuarmos vivendo na bagunça republicana. Não melhoraremos, porque as instituições políticas, cheias de vícios e de defeitos, não o permitem. Não que nos faltam homens, como erradamente se diz por aí. Não há necessidade de campanhas de moralização dos costumes, que, de resto, são absolutamente inúteis. Vã dizer-se a um safado, desde o mais infimo dos funcionários ao mais graduado, desde o mais infimo dos vereadores ao mais alto figurão do governo da república, que deve pautar os seus atos pelas regras da mais sã moral, para o bem da Pátria comum. Por certo que soltarã, nas fuças do cretino que a isto se aventurasse, uma gostosíssima gargalhada. Homens honestos, há-os, em quantidade, no Brasil, graças a Deus, do contrário este desgraçado País já teria sido atirado às profundezas do inferno. O que não há é regime que contenha os vermes que estão destruindo a Nação. Vude-se o regime e se verá que os homens capazes e honestos, para governá-lo, aparecerão. E teremos bons governos que não farão demagogia eleitoral, porque o Rei não o permitirá. Ele organizarã os seus governos, com homens formados na mesma escola daqueles grandes estadistas que fizeram a grandeza passada do nosso País. Ele não os trã buscar no "bas-fond" partidário, onde hoje os vão buscar os presidentes republicanos. Ele si e diferempe. Ele si e realiza do mal que hoje acontece e do bem que acontecia antigamente. Os homens são os mesmos; o regime é que piorou muito. Destrua-se a república e implante-se o novo IMPÉRIO ORGÂNICO PATRIANOVISTA e ver-se-ã desaparecer, para sempre e como por encanto a estranha doença com a qual o povo não atina, mas que, sente, — nos está destruindo.

José de OLIVEIRA PINHO

À "Convenção" não faltavam os Robespierres, os Dantons e os Diderôs e nem mesmo os Marás.

Os banquetes regados a pinga e champanha (os dois extremos democráticos) eram preparados pelo exímio cozinheiro — o Patriarca — um negro cearense da cidade de Catulé. O peru, como prato sem importância, era concorrido pelo vatepã, prato predileto do chefe político que era bom nordesta.

Mas, como a República da Alegria abrigava cidadãos até do Rio Grande do Sul (um rico boiadeiro), em certos dias também dava seus churrascos e chimarrões. Porisso, o seu Presidente tinha que ser agradável a todos: desde o paulista, o mineiro, ao pernambucano ou balano. Uma confraternização de mentalidades heterogêneas.

Da mesma forma como descrevi a "proclamação de Jaboticabal", em que evitei a citação de nomes, para ser mais anonimamente democrático, também não cito nomes dos jacobinos de Barretos. Mas direi que, com raras exceções, quase todas autoridades locais a ela pertenciam, pois eram correligionários do partido dominante — os Picapaus, o partido mais divertido, mais farrista, mais boêmio, quando o partido derrotado — os Azarás, era constituído dos mais circunspetos cidadãos. Este era municipal, uma espécie de udeêne da nossos dias, sempre disposto a lutar contra a imoralidade, mas sempre levando na cabeça.

Quem mandou em Barretos, durante muitos e muitos anos, foram os picapaus que tinham a face e o queijo nas mãos: eram "donos" do Diretório Municipal do P.R.P.

Os leitores compreenderam bem a parábola contida nestas duas histórias que minha memória reteve?

Pois bem; concluirei com a minha moral: A REPÚBLICA, TAL COMO FOI NAS PRIMEIRAS IMPRESSÕES QUE RECEBI NA MINHA ADOLESCÊNCIA, E QUE ATÉ HOJE CONFIRMAM EM TODAS SUAS MANIFESTAÇÕES, NÃO PASSA DE UM CARNAVAL PERMANENTE, NASCIDO DE UMA PALHAÇADA, MANTIDA PELA ILUSÃO DA BOÊMIA, DESCONTINUADA PELOS "GOLPES", MISTIFICADA PELA IMPRESSÃO DE OPULÊNCIA, EXPLORADA PELA TAPEAÇÃO DA LIBERDADE, CONFUNDIDA COM A DESONESTIDADE LEGALIZADA, FORMALIZADA PELO "POVO" AUSENTE, ARISTOCRATIZADA PELOS OLIGARCAS, E, AFINAL, QUANDO SEUS MENTORES SÃO CHAMADOS À PRESTAÇÃO DE CONTAS NO FIM DE SEU MANDATO, RESPONDEM ENCOLHENDO OS OMBROS: "ORA, QUEM VIER ATRÁS, QUE FECHÉ A PORTEIRA!...".

Jerônimo Ricardo de MATTOS

A MALEITA REPUBLICANA

Em 1949, publicámos o boletim que segue. Como a república foi, é e será sempre a mesma desgraça, repetindo como realejo as mesmas cantigas de salvação que não se realiza nunca, confirma-se sempre actual a posição patrianovista contra a incrível palhaçada de homens que, sérios na vida privada, na vida pública não passam de requintados boocês. Leia-se o boletim patrianovista de 1949:

PARLAMENTARISMO

"O mais curioso é que a idêla da reforma parlamentarista apareça ligada à de 'salvar o país'. Pelo menos, é o que sustenta o sr. Tristão da Cunha. Invoça-se, a propósito, o brilho do Segundo Reinado entre os anos de 50 e 70. Talvez ainda surjam, como argumento, a precisão e a tranqüilidade que distinguem o funcionamento das instituições em certos regimes parlamentaristas da Europa: na Inglaterra e na Escandinávia por exemplo. Mas eu pergunto se também funcionou bem o sistema na República de Weimar e se continua a funcionar bem na França. A resposta só pode ser negativa. Em nenhuma república tem funcionado bem o parlamentarismo (O A. poderia citar Portugal antes de Carmona e a Itália hoje. P.N.). Haverã razão para acreditar que funcionaria satisfatoriamente no Brasil?

"Nos Monarquias, o que tem assegurado o bom funcionamento do regime parlamentarista é a existência do Monarca — PODER EMINENTEMENTE NACIONAL QUE SE COLOCA ACIMA DA COMPETIÇÃO PARTIDÁRIA. Isto é, nas Monarquias, todo o poder não está concentrado no parlamento. Ora, numa república, principalmente se o chefe de Estado fôr eleito pelo parlamento, este dominará sem qualquer limitação toda a vida política do país. E' o mesmo que dizer que toda a vida política do país será dominada por um partido ou por um grupo de homens sem qualquer espécie de controle. Não é difícil imaginar o que seria do Brasil com semelhante regime e com as notórias deficiências de nossa cultura política, ou simplesmente de nossa cultura.

"Donde se vê que não é a rigor com o presidencialismo que se acham descontentes os parlamentaristas. ¿QUEM SABE SE NÃO É COM A PRÓPRIA REPÚBLICA? Mas, por muito encantador que nos pareça o cenário anterior a 15 de novembro de 1889, seria evidentemente um pouco forte demais pensar em restabelecê-lo. Inclusive porque falaria q.d. faltarã nêla a principal figura D. Pedro II". Ernãni REIS, "A Manhã", Rio, 10-4-1949.

— Falou bem, Dr. Ernãni. Mas nós não precisamos do defunto insigne Dom Pedro II. Precisamos DO REI, DO IMPERADOR, "Poder eminentemente NACIONAL que se coloca acima da competição partidária". Precisamos de Dom Pedro III! Se D. Pedro II tivesse sido um presidente de república seria igualzinho a outros presidentes-de-república, e nada mais.

ACORDOS SUCESSÓRIOS

"Não creio que se chegue efectivamente a um acôrdo, porque todas as boas intenções se esfumam quando se chega à questão crucial das nossas 'diferenças' e haverá acôrdo que resista a tal prova. E não é esta uma situação meramente circunstancial. DECORRE DO REGIME. Já Rui Barbosa notava, há mais de quarenta anos, que 'A POLÍTICA REPUBLICANA CONTINUA A SER UM SIMPLES JOGO DE NOMES PRÓPRIOS'. — Raul PILLA.

— De acôrdo, Dr. Pilla. A bagunça brasileira "decorre do regime"... chamado "república". E o mal do Império antigo decorria da péssima instituição chamada "parlamentarismo", que prejudicava o puro regime IMPERIAL, que para os Patrianovistas será "ORGÂNICO" e não parlamentar. Os Monárquicos sabem aprender com a história e a experiência nacional.

SALVAÇÃO DA REPÚBLICA...

Rogamos a Deus onnipotente que nunca mais os homens revestidos de poder militar no Brasil se levantem em armas, revoltados pelas inevitáveis misérias da política individualista republicana, para (como dizem) "salvar a república" ou conservá-la, isto é — salvar a causa de todas essas misérias, conservar a causa de toda a desgraça do Brasil, Pátria IMPERIAL. Pois cada "salvação da república" se torna, em última análise, na salvação das finanças dos seus "salvadores" e seqüizes oportunistas, revertendo em perdição para a nossa Pátria.

DEMOCRACIA REPUBLICANA vs. DEMOCRACIA IMPERIAL

"Vocês me desculpem se de vez em quando aludo de passagem à política nacional. Mas é que os nossos jornais (falo dos cariocas) vivem clamando que o regime democrático implantado em 89 precisa de regressar à sua primitiva pureza. E eu não posso deixar de rir.

"Regime democrático, a bem dizer, nunca existiu entre nós.

"... Durante o Império, a democracia que houve partiu de D. Pedro II, incapaz de peregruações e tiranias. Faleavam do seu "poder pessoal". Mas de facto ele o exercia de acôrdo com o estatuído na Constituição de 24, que em 1840 jurou cumprir e defender. Tão bem a cumpriu que nunca a mudou. Ela se manteve até 89, isto é, 65 anos. De 1934 a 49 passaram-se apenas 15 anos e durante êsses três lustros gozámos dos benefícios de três constituições.

"Não, amigos! A propósito de eleições, democracia e direitos constitucionais, mantenhamo-nos em discreto silêncio..." Gondin da FONSECA.

PÁTRIA-NOVA

Quase todos os modernos que falam em Monarquia tradicionalista no Brasil aprenderam dentro de Pátria-Nova ou por reflexo de Pátria-Nova. Ou, pior, são cismáticos e hereges em relação a ela. É fácil comer o manjar depois de pronto. Mas é indigno, baixo, vil e "republicano" cuspir no prato...

VERDADES PARA OS INGENUOS

Todas as embaixadas, consulados, escritórios comerciais e outras agências dos governos soviéticos no exterior são focos criminosos de propaganda e conspiração anti-cristã e anti-nacional.

NOTICIÁRIO PATRIANOVISTA

— Visando à maior eficiência na expansão patrianovista, resolveu o Chefe Geral extinguir a secretaria geral, instituindo o DCA (Departamento Central Administrativo) que inclui o Conselho das Regiões Patrianovistas, sendo já nomeados os seguintes srs. Conselheiros: Tte. Jerônimo Ricardo de Mattos, encarregado de Amazônia; Prof. Hugo Paulo Lichtenberg, Nordeste; Prof. Mário de Melo Figueiredo, Sul. As outras regiões continuam sob o cuidado directo da Chefia Geral.

— Foram nomeados Chefes de Propaganda na Província de S. Paulo, com atribuições específicas, os Conselheiros Dr. José de Oliveira Pinho e Prof. Arlindo Baptista Pereira.

— Atendendo à solicitação do Chefe do "Município Patrianovista" do Pari, sr. David Simões Júnior, está sendo constituído o Senado Patrianovista local, recrutando os velhos batalhadores da fase anterior da AIPB.

— Vem constituindo pleno sucesso o inquérito sobre idéias políticas dedicadamente levado a efeito pelo conselheiro Jerônimo Ricardo de Mattos. A mais impressionante constatação é que a maioria absoluta dos inqueridos CRÊ NA SALVAÇÃO DO BRASIL. Não é geral o pessimismo, apesar da situação infelicíssima em que está imersa a nossa Pátria Imperial.

A CONCLUSÃO PATRIANOVISTA

O BRASIL É UMA PÁTRIA IMPERIAL QUE NÃO PODE DE MODO NENHUM SER REPÚBLICA. A REPÚBLICA NÃO PODERÁ RESOLVER OS PROBLEMAS DA NACIONALIDADE E DO ESTADO, MAS TAMBÉM É DISSOLVENTE, ANTI-NACIONAL, SEPARATISTA.

LIVROS PATRIANOVISTAS À VENDA

Orgânica Patrianovista	Cr\$ 70,00
O problema operário e a justiça social	Cr\$ 10,00
De Nóbrega e outras pátrias	Cr\$ 15,00

O ETERNO PREJUDICADO

O tempo muda tudo. São cursos d'água que mudam suas trajetórias. São combustíveis que substituem outros mudando sempre o feitiço de máquinas obsoletas por ultra-modernas. São métodos de ensino que são mudados por pessoas inexperientes modificando assim todo o pensar do garoto estudante. São regimes que caem e outros que surgem ao bel-prazer de entediados "póliticos", sarcásticos, mendigos e macaqueadores das estranhas, modificando, sempre mantendo "benéfico" (e éles), toda a mentalidade da massa que se influencia e que constitui a maioria de uma grande Nação. Este último tipo de modificação é o mais importante, porque é (regra geral) o responsável por "mudas" de reais importâncias.

No Brasil o regime mudou e com ele tudo também mudou, até o pensar, o se portar, o traje e o próprio andar do nosso povo se transformou (antes era marcha-rei, hoje é marcha-ré). E nesta imensidão de mutacionismos quem mais mudou foi o parente mais próximo de Jeca-tatu, de todos já muito conhecido, o famoso Zé-Bodocas. Antes da "moda" Ele era um fazendeiro rico, era um grande latifundiário. Hoje... pobre rapaz não tem mais nada além de dívidas. Só dívidas. A sua maior riqueza é dever no armazém, no açougue, na padaria, na loja de tecidos e em outros estabelecimentos comerciais. Como modificou a vida desse moço, antes tudo era abundância e hoje tudo é miséria!

Em tempos idos encontrávamos o fazendeiro montado a cavalo correndo atrás de suas boiadas, ontem vimos os "boi-cós republicanos" correndo atrás de suas riquezas e hoje encontramos Zé-Bodocas atrás de empregos com que possa pagar as dívidas causadas por um regime inflacionário, deturpador e degenerador da moeda em circulação. Zé-Bodocas como sempre é o ETERNO PREJUDICADO. Quando os governos republicanos, ou melhor dizendo, quando os desgovernos eleitos pela massa republicana aumentam os impostos é Zé-Bodocas quem perde o dinheiro ganho com o sagrado suor. Quando os gêneros alimentícios sofrem alta de preços é novamente o dinheiro dele que vai de emburlo no emburlo das talices desgovernamentais. Zé-Bodocas está sempre serrando por baixo e nem consegue ser mais gente.

Chora noite e dia como um bezerro desmamado esperando o manjar da vaca (ré-pública) sem leite, hemofílica, daltônica, diabética, loba sem consciência e tarada, portadora dos maiores males do mundo e que não tem nada a dar para ninguém além de suas doenças. Foi isso que Zé-Bodocas herdou da geração novembrina, mais nada.

Essa doença me foi contada através dos grandes contos republicanos, tais como: O conto do bilhete premiado; O conto do vigarinho; O conto das beneficências; O conto dos postos de governo; O conto dos mendigos; O conto do desamparado; O conto do mineiro e o mais novo conto que eu li, publicado na rotina da vida em Dezembro passado, "O conto da gorgeta do lixeiro", e, também, alguma coisa me contaram os livros jacobinos que o "governo" adotou como livros de "História do Brasil" para as infelizes e desamparadas escolas públicas.

Quem irá beber o vírus mortífero de toda essa infecção senão os filhos do coitado do Zé-Bodocas? Os outros filhos de outros Zés-Bodocas. E como bebem éles? Muito fácil, porque é mais venenoso do que uma picada do mais mortal crotalídeo mas, também, mais doce e mais gostoso (para quem não tem paladar) do que o mais fino licor importado dos Estados-Únidos ou tirado dos engenhos de Bahia.

E eu deixo agora uma incógnita: QUEM É O ETERNO PREJUDICADO ENQUANTO SE MANTIVER DE TOPETE ERGUIDO O ÓTIMO (p'ro fogo) GOVERNO REPUBLICANO?

Roberto CESNIK

CRISTO E O REI

Quando um povo renega a Cristo e seu legítimo representante na terra, recebe uma porção de falsos Cristos creadores de seitas disparatadas.

Quando um povo renega o seu Rei, seu Chefe Dinástico Nacional trazido pela sacralidade de uma Família proveniente do fundo dos séculos da sua formação, recebe legião de falsos chefes manifestos ou ocultos que lhe torcem o destino e arruinam os ideais, as aspirações, a felicidade e a vida. Cai na anarquia, na desordem, na cegueira, sem atinar mais com os seus verdadeiros e nacionais caminhos.

Perde um Senhor ligado ao seu Sangue, ao seu Espírito, à sua Vida, à sua Vocação e Destino, para padecer o desamor, o crime, a exploração, a morte, pela mão dos déspotas eleitos ou usurpadores armados, proclamadores de mentidas liberdades, igualdades e fraternidades que terminam em escravidão, desigualdades iníquias e anti-hierárquicas, mergulhando afinal nas lutas intestinas que destróem as famílias, as nações e a sua paz, a sua honra, prosperidade e independência.

CHEFE GERAL

IMPÉRIO PATRIANOVISTA

Para a salvação definitiva, grandeza, riqueza e felicidade do Brasil, instauramos o IMPÉRIO ORGÂNICO PATRIANOVISTA.

VERDADE HISTÓRICA

Nunca jamais na história do mundo, nação alguma foi salva da desgraça por meio de repúblicas e democracias. Estas sómente agravam sinistramente todos os males que pretendem curar.

A CONSTITUIÇÃO E OS INTERESSES DO POVO

Em dez anos de uma Constituição que se gastou, que envelheceu, não tivemos algumas das leis complementares, cuja votação é indispensável para o bem estar relativo de milhões de brasileiros. A lei orgânica de seguro social anda, a passos de tartaruga, no Congresso; no entanto, da sua vigência poderíamos ter a previdência social escolmada de alguns de seus vícios atuais, êstos vícios de organização e de política, de inflação e falsa concepção do seguro social, que vão matando instituição que, pelo menos, deve assegurar ao homem amparo na velhice e no infortúnio. A lei de greve, a lei de participação dos empregados no lucro das empresas, a lei de intervenção do poder económico, são outras tantas, que esperam, nas gavetas, que a preguiça não seja tão grande no Rio, ou que a politiquice não seja ali tão absorvente.

Temos agora a reforma da Constituição em vista...

João de Santimburgo (CBrreio Paulista, 22-3-1956).

A "DESGRAÇA COMPLETA"

Não smente as inteligências mais fulgurantes, mas o próprio povo sabe das iniquidades da República depois do desastroso 15 de Novembro.

São iniquidades grassadas no País por um erro lamentável do passado. A implantação do tortuoso regime de 89 nos dificultou em todo o progresso e hoje é em regra circunscrito pela inépcia dos nossos Governos, governos "legais" as autoridades que não tem autoridade no verdadeiro sentido e isso nos faz tremendo mal. Todas mandam, ninguém obedece. Entrava-se a produção do País no domínio das conquistas naturais; a manutenção da cnsa pública ao nível do respeito das nações civilizadas.

Qual o progresso havido no Brasil dentro do Regime? Pouquíssimo, porque República, propriamente, não oferece ou não garante futuro a país algum fugido de sua identidade natural; mesmo porque a Pátria é eterna, porém trocando de cabeça e cada momento não é possível progresso à altura de suas necessidades. Assim como o filho não troca de pai a toda a hora, também a mesma coisa acontece com a Pátria que é uma família em número maior.

Mas em república, vamos dizendo e não vamos parar assim de supetão sem nada expressar; aparecem comumente demandas de todo jeito, invariavelmente, crimes e atentados contra a cnsa pública. Vejam os leitores que nos dão a honra de ler os nossos trabalhos na maioria das vezes publicados neste mesmo jornal, por exemplo a lamentável queima do café.

Al está um dos crimes. Milhões de sacas de café foram queimadas por ignorância, por imbecilidade. Nelas quantidade enorme de cafeína foram destruídas para depois comprar de outros, porque queimamos o que temos e compramos quando precisamos. A medicina perdeu nessa queima, injustificável, mais de 30 milhões de cafeína que podia ser aproveitada; pois se não quisessemos tomar o café aproveitávamos a cafeína e o restante para outros aplicações, menos a destruição de todo. Não satisfeito em queimar, gastou também o Governo embustível, isto é, teve despesas para ser mais depressa devorado o produto! Como se justifies tamanha absurdo! Por aí se vê que a República nada adiantou para o Brasil; ao contrário, veio cortar os altos destinos do País.

Não há muito tempo queimou-se ao norte de São Paulo, já que falamos em produto que se põe fora por meio de processo não condizente com o programa de um bom Governo ou de um bom Regime, uma bellissima serra toda de mata virgem e madeiramento de mais alto valor — a Serra da Bocaina. Foram-se mais de 6 longos meses de queimada sem parar até todo extermínio! Alguém foi lá pra curar o dolo? Ninguém apareceu a todo se perdeu. E por que? Porque ninguém se incomoda com as coisas do Brasil nesse regime que aí está para desgraça de um povo que não merece tamanha ingratitude ou tamanho desmando dos que governam.

Arlindo BAPTISTA PEREIRA